

O ENSINO DE HISTÓRIA MEDIEVAL E AS MÍDIAS DIGITAIS: REFLEXÕES PARA UMA PRÁTICA PEDAGÓGICA SIGNIFICATIVA¹

TEACHING OF MEDIEVAL HISTORY AND DIGITAL MEDIA: REFLECTIONS FOR A MEANINGFUL PEDAGOGICAL PRACTICE



<https://doi.org/10.22228/rtf.v16i2.1301>

Luciano José Vianna

 Universidade de Pernambuco/campus Petrolina
 ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7355-7609>
 E-mail: luciano.vianna@upe.br

Italúzia Pereira de Castro Santos

 Universidade de Pernambuco/campus Petrolina
 ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5706-0328>
 E-mail: italuzia.castro@upe.br

Resumo: Neste artigo, refletimos sobre o ensino de História Medieval e mídias digitais utilizando a metodologia da pesquisa bibliográfica com base em recentes reflexões sobre o tema. Observamos a existência de diversos canais de informação a respeito do Medieval, uma associação entre este período e discursos políticos contemporâneos e um distanciamento entre os medievalistas e a escola. Como conclusão, destacamos a necessidade de se investir na formação inicial e continuada de docentes em História em um diálogo com as mídias digitais.

Palavras-chaves: Ensino de História Medieval; Mídias digitais; Formação de professores.

Abstract: In this article, we reflect on the teaching of Medieval History using of digital media using the methodology of bibliographical research based on recent reflections on the topic. We observed the existence of a several information channels regarding the Medieval period, an association between this period and contemporary political discourses, and a distance between medievalists and the school. In conclusion, we highlight the need for investment in the initial and continuing training of teachers in History based on a closer dialogue with digital media.

Keywords: Teaching Medieval History; Digital Media; Teacher Training.

Introdução:

Ao refletirmos sobre o processo de ensino-aprendizagem na sociedade atual, torna-se relevante discutir e considerar o papel que as novas mídias exercem em todos os âmbitos sociais. A partir da popularização do contexto virtual, a forma como a sociedade

¹ O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) –Código de Financiamento 001.

contemporânea interage com as informações e entretenimentos passou por mudanças profundas, que possuem como característica primária a intensa interatividade entre os usuários.

As novas mídias configuram-se como estruturas puramente digitais, como define Luís Mauro Sá Martino: “o suporte físico praticamente desaparece, e os dados são convertidos em sequências numéricas ou de dígitos [...]. Assim, em uma mídia digital, todos os dados, sejam eles sons, imagens, letras ou qualquer outro elemento são, na verdade, sequência de números”.² Tais características permitem que as mídias digitais apresentem particularidades próprias do espaço digital, sendo elas a fluidez, a hipertextualidade e a profusão de informações, bem como apresentam uma pluralidade de meios e canais pelos quais os usuários podem compartilhar, criar coletivamente ou apenas interagir entre si.

A relação de interatividade gerada pelas mídias digitais propicia novos contextos de comunicação em que o “[...] indivíduo comum também terminou por se transformar, ele mesmo em uma mídia atomizada, pois tem à mão um celular que grava, filma, fotografa e transmite on-line cada uma destas operações”.³ Esse espaço de criação e registro dos aspectos que compõem o cotidiano alimentam continuamente as mídias digitais, fomentando as interconexões no espaço digital – em um intenso ciclo de produção e consumo que geram não apenas formas distintas de sociabilidade, como também influenciam nas relações que os sujeitos tecem com a sociedade.

Diferentemente das mídias tradicionais ou mídias de massa, caracterizadas pelo rádio, a televisão e o cinema que se desenvolvem a partir de um centro emissor apresentando uma relação interativa entre os produtores e consumidores de forma limitada, nas mídias digitais esse processo interativo ocorre de maneira direta e rápida por meio de hipertextos, comentários ou compartilhamentos no espaço virtual. Para compreender este espaço virtual, devemos resgatar as definições de “ciberespaço” e “cibercultura” elaboradas por Pierre Lévy em seu livro *Cibercultura* (2010). Segundo Lévy, o “ciberespaço” se caracteriza por ser uma estrutura na qual estão colocadas condições para o desenvolvimento de interações virtuais e a “cibercultura” se caracteriza por ser o conjunto de técnicas e práticas desenvolvidas dentro do “ciberespaço”. Pierre Lévy destaca que “o ciberespaço não apresenta centros difusores em direção a receptores, mas sim

² MARTINO, Luís Mauro Sá. Introdução. *Teoria das Mídias Digitais: linguagens, ambientes, redes*. Petrópolis: Vozes, 2014, p. 11.

³ BARROS, José D’Assunção. Revolução digital, sociedade digital e História. In: BARROS, José D’Assunção (Org.). *História Digital: A historiografia diante dos recursos e demandas de um novo tempo*. Petrópolis: Vozes, 2022, p. 48.

espaços comuns que cada um pode ocupar e onde pode investigar o que lhe interessa”.⁴ Assim, as novas mídias geram esses espaços de diálogos entre os sujeitos possibilitando que eles assumam, de forma dinâmica, os lugares de produtores e consumidores no ciberespaço, em uma relação cooperativa.

Ainda de acordo com o autor, a capacidade de comunicação e cooperação estabelecida pelas mídias digitais ocorre pela sua dinâmica de “todos-todos” e não “um-todos”, como ocorre nas mídias tradicionais citadas anteriormente. Aliado a essa lógica comunicacional, as mídias digitais englobam de maneira dinâmica as estruturas textuais, visuais e audiovisuais.⁵ Assim, a dinamicidade e interatividade que as novas mídias inserem na sociedade são inegáveis e potencializadoras, no entanto, cabe salientar os processos de exclusão e desigualdades que a estrutura social desenvolve em torno e a partir dessa lógica comunicacional. Nesse sentido, a lógica de interação apresentada numa dinâmica “todos-todos” concebe uma perspectiva comunicacional, porém, desconsidera nesta proposição os conflitos e nuances da realidade atual que não está contemplada pela inclusão digital de “todos” os setores e grupos sociais.⁶

Temos frequentemente vivenciado inúmeras discussões que defendem a utilização das novas mídias no espaço escolar, em que o professor deve apropriar-se desse recurso que é cotidiano do aluno de forma a tornar o ensino significativo. Entretanto, temos visto que há algumas fronteiras que precisam ser rompidas no que tange a uma aplicabilidade crítica e consciente dessas ferramentas. Como afirma Lucchesi, “vivenciamos uma ‘revolução dos meios digitais’ sem termos desenvolvido as competências necessárias para navegar criticamente e avaliar as informações”.⁷

Por tal, discutir a aplicabilidade das tecnologias e mídias digitais na prática pedagógica no ensino de História Medieval exige refletir não somente sobre os aspectos de infraestrutura nas escolas, mas também de que modo os professores estão sendo preparados para produzir um diálogo entre estas formas midiáticas e o currículo escolar no cenário das formações inicial e continuada. Assim, considerar as mídias digitais a partir de uma perspectiva crítica diante de sua relação com os aspectos sociais, políticos e econômicos abre espaço para apropriar-se delas a partir de um ponto de vista que considera sua multidimensionalidade.

⁴ LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. São Paulo: Editora 34, 2010, p. 247.

⁵ *Ibidem*, p. 65.

⁶ NEMER, David. *Tecnologia do oprimido*. Desigualdade e o mundano digital nas favelas do Brasil. Vitória: Milfontes, 2021.

⁷ LUCCHESI, Anita. Por um debate sobre História e Historiografia digital. *Boletim Historiar*. n. 02, p. 45-57, mar./abr. 2014 (p. 49). Disponível em: <https://periodicos.ufs.br/historiar/article/view/2127>. Acesso em: 25 nov. 2023.

Taís Santos e Ricardo Sá pontuam que a tecnologia é um “fenômeno produzido pela humanidade, cultura, sociedade, ciência, educação, economia, política, filosofia e etc..., compreendendo que, por meio de um processo recursivo, a utilização da tecnologia alimenta, retroalimenta e transforma estes fenômenos”.⁸ Nesse sentido, atenta-se para a necessidade de compreender as dinâmicas e relações desenvolvidas no ciberespaço a partir da sua complexidade e não apenas como meras ferramentas de comunicação, reconhecendo que essas mídias têm influenciado as dinâmicas de ensino e aprendizagem na disciplina de História e no meio social do alunado.

As tecnologias estão impregnadas no *modus operandi* da sociedade contemporânea e as novas gerações estão presentes no ciberespaço, desenvolvendo novas formas de socialização e de comunicação. Desse modo, é imprescindível buscar compreender como o ensino de História, e em especial, o ensino de História Medieval, tem se relacionado com essas mudanças tecnológicas e de que modo elas estão sendo incorporadas nas práticas pedagógicas dos professores.

Há determinadas narrativas e períodos históricos que estão constantemente aguçando a curiosidade da sociedade servindo com frequência como pano de fundo para produções culturais contemporâneas (filmes, séries televisivas, jogos eletrônicos etc.) e, por conseguinte, desenvolvendo “uma noção” de História da sociedade por meio dos variados formatos, sejam eles filmes, séries, jogos eletrônicos, vídeos da *internet*, entre outros. Neste sentido, Sônia Meneses pontua que há uma escrita midiática da História que tem se desenvolvido com foco no entretenimento e que, como consequência, acaba por promover o esvaziamento das discussões e da complexidade do pensamento histórico.⁹

Com isso, evidencia-se uma crescente disputa de narrativas e autoridades que geram espaços para movimentos de revisionismos históricos e negacionismos. Nos últimos anos, esses termos ganharam maior destaque, especialmente no cenário das disputas políticas e ideológicas. Apesar de serem associados a práticas antigas e distintas entre si, tais nomenclaturas são frequentemente utilizadas como análogas, como pontuam as autoras Denise Rollemberg e Janaina Cordeiro.¹⁰

⁸ SANTOS, Taís Wojciechowski; SÁ, Ricardo Antunes. O olhar complexo sobre a formação continuada de professores para a utilização pedagógica das tecnologias e mídias digitais. *Educar em Revista*. Curitiba, v. 37, p. 1-20, 2021 (p. 10). Disponível em: <https://www.scielo.br/j/er/a/MyDRrjQnCgmcQ8wChz3PKsR/#>. Acesso em: 25 nov. 2023.

⁹ MENESES, Sônia. Uma história ensinada para Homer Simpson: negacionismos e os usos abusivos do passado em tempos de pós-verdade. *História Hoje*, v. 8, n. 15, p. 66-88, 2019 (p. 72-73). Disponível em: <https://rhj.anpuh.org/RHHJ/article/view/522/299>. Acesso em: 25 nov. 2023.

¹⁰ ROLLEMBERG, Denise; CORDEIRO, Janaina Martins. Revisionismo e negacionismo: controvérsias. *História, histórias*. v. 9, n. 17, p. 58-98, 2021 (p. 60-61). Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/hh/article/view/36429>. Acesso em: 25 nov. 2023.

Por exemplo, tem-se observado um crescimento de movimentos políticos utilizando interpretações que relativizam passados sensíveis e elaboram narrativas alternativas para legitimar questões ideológicas. Entretanto, é necessário esclarecer as distinções entre revisionismos e revisão historiográfica, sendo essa última um exercício importante dentro do processo de escrita da história por propiciar novos olhares, romper com perspectivas hegemônicas, ampliar as discussões e vozes de sujeitos e espaços antes marginalizados. A revisão historiográfica ocorre por meio de fundamentações teóricas e metodológicas sólidas e amparadas nas fontes históricas. Na contramão desse processo, no caso, o revisionismo, os interesses políticos e ideológicos possuem maior relevância do que a legitimidade do processo metodológico e historiográfico ao que está fundamentado. Já o negacionismo se desenvolve a partir da desqualificação dos métodos e da própria noção de ciência histórica e da produção historiográfica. Como pontuam Rollemberg e Cordeiro, a relação entre os termos revisionismo e negacionismo ocorre por estarem vinculados a ações que, apesar de distintas, se correlacionam, “[...] pelo fato de os negacionistas se dizerem revisionistas, para dourar o *status* de sua argumentação [...]”.¹¹

Nos últimos anos, têm-se observado uma crescente apropriação dos elementos associados ao Medievalismo como prerrogativas para discursos políticos e extremistas. Como pontua Francisco Mendonça Júnior, essa frequente utilização do Medievalismo no cotidiano contemporâneo “[...] não é inerte e nem vazia de intencionalidades”.¹² Os aspectos e fatos relacionados à sociedade medieval são frequentemente explorados pelas mídias e difundidos a partir das redes e acabam por fomentar um Medievalismo midiático e idealizado.

Ao abordar essas premissas para a educação e em especial para o ensino de História Medieval, torna-se importante compreender que a dinâmica de descentralização do conhecimento na qual a internet se desenvolve, coloca-nos diante de problemas como a difusão de *fake news*, apropriação de discursos de maneira enviesada e a utilização de conceitos históricos por meio de uma lógica anacrônica. Assim, para desenvolver estas reflexões neste artigo, elaboramos a seguinte problemática: como refletir sobre o ensino de História Medieval na atualidade com o uso das mídias digitais a partir da produção bibliográfica atual sobre o assunto? Neste sentido, este artigo tem como objetivo realizar uma sistematização bibliográfica atualizada acerca do tema ensino de História Medieval e mídias digitais, a partir da metodologia da pesquisa bibliográfica, a qual destaca

¹¹ Ibidem, p. 76.

¹² MENDONÇA JÚNIOR, Francisco de Paula Souza de. Futuros de um passado presente: Reflexões acerca do ensino de História Medieval e do Renascimento. *Brathair*, n. 21, p. 256-276, 2021 (p. 257). Disponível em: <https://ppg.revistas.uema.br/index.php/brathair/article/view/2536>. Acesso em 25 nov. 2023.

publicações relacionadas ao tema de abordagem em questão¹³ e, de forma específica, as produções elaboradas nos últimos anos acerca do ensino de História Medieval. Como justificativa para a discussão, ressaltamos a importância de se refletir sobre este tema, uma vez que o período medieval é apresentado em diversos formatos e caminhos na atualidade, tais como jogos eletrônicos, filmes e séries televisivas, desenhos animados, entre outros, caminhos pelos quais muitas vezes nossos alunos mantêm um contato intrínseco e constroem várias ideias sobre o Medievo através destes canais.

Tais questões são relevantes para nossa discussão, uma vez que a apropriação dos discursos e narrativas que são intensamente compartilhadas pelo ciberespaço acabam por perpetuar determinadas percepções e cristalizações sobre os períodos históricos. Quando se trata da História Medieval, podemos identificar uma intensa produção de conteúdos nas redes, sejam eles oriundos de produções cinematográficas, jogos de videogames, entre outros, e muitas vezes fazendo parte do cenário informacional dos discentes e não passando por uma problematização, incidindo na compreensão sobre o período. Portanto, nas próximas páginas apresentamos uma reflexão sobre a relação entre ensino de História e mídias digitais, sobre História Medieval na era digital e sobre como ensinar História Medieval no século XXI.

O ensino de História e as mídias digitais: um desafio para os docentes contemporâneos

É lugar comum afirmar que o ensino de História não se restringe ao contexto do ambiente escolar, uma vez que atualmente a internet nos gera a possibilidade de entrar em contato com diversas informações. Em poucos segundos os buscadores do *Google* nos informam milhares ou quiçá milhões de resultados para uma simples busca. Para além das mídias tradicionais que comumente desenvolvem suas representações dos períodos históricos por meio dos filmes, jogos e televisão, há uma intensa demanda de produtos midiáticos que tratam das temáticas históricas ou que as referenciam sendo desenvolvidas na internet e a partir desta. Tais narrativas têm se popularizado na sociedade e acabam por desvelar uma disputa não só em relação à escrita da História como também no seu ensino, uma vez que essas perspectivas influenciam as discussões que ocorrem no contexto da sala de aula.

¹³ PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. *Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico* [recurso eletrônico]. 2ª. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013, p. 54. Disponível em: <https://www.feevale.br/institucional/editora-feevale/metodologia-do-trabalho-cientifico---2-edicao>. Acesso em 25 nov. 2023.

Por exemplo, Sônia Meneses problematiza o fenômeno de escrita midiática da história e a caracteriza como “[...] toda a produção de leitura do passado que se ampara no universo dos meios de comunicação, em seus vários formatos, e que se destinam a grandes audiências”.¹⁴ Muito dessa história midiática tem se construído de forma basilar através da desqualificação da historiografia utilizando-se das diferentes formas de interação e de linguagens para propagar suas perspectivas, relativizando passados sensíveis.

Essas obras midiáticas produzem e se retroalimentam das representações de um passado imaginado que por vezes assume um viés conservador, personalista e androcêntrico quando observamos os diversos discursos que são veiculados a partir da internet. Em certa medida, elas acabam por colocar a escola e o professor como elementos descartáveis no processo de construção de uma consciência histórica.¹⁵ Desse modo, é imperioso refletirmos sobre como ensinar a pensar historicamente diante do intenso processo de descredibilização dos professores e professoras de História.

Odir Fontoura produziu um mapeamento dos vídeos hospedados na plataforma do *Youtube* que abordam conteúdos relacionados à História.¹⁶ O pesquisador selecionou 80 vídeos que foram divididos em dois grandes grupos, os quais “parecem filiar-se a uma narrativa acadêmica ou tradicional da história [...] parecem propor revisões, questionamentos e críticas dessa historiografia”.¹⁷

A partir das análises propostas, o autor identificou que um terço dos vídeos mapeados fazem parte do segundo grupo e, por tal, produzem conteúdos que “visam a trazer esclarecimentos como resposta a uma ‘história’ que, por diversas razões, seria ocultada, mascarada ou conscientemente desvirtuada”.¹⁸ São produtos midiáticos que lançam prerrogativas de uma narrativa alternativa e pouco acessada pela população em virtude de interesses ocultos, com os quais os professores e historiadores estariam sendo coniventes.

Assim, tais narrativas acabam por promover o esvaziamento tanto do processo de criticidade dos sujeitos como do rigor metodológico que rege a produção historiográfica, uma vez que há uma intensa preocupação em relação ao alcance e a capacidade de gerar

¹⁴ MENESES, Sônia. Uma história ensinada para Homer Simpson: negacionismos e os usos abusivos do passado em tempos de pós-verdade. *Op. cit.*, p. 73.

¹⁵ FONTOURA, Odir. Narrativas históricas em disputa: um estudo de caso no YouTube. In: BARROS, José D’Assunção (Org.). *História Digital: A historiografia diante dos recursos e demandas de um novo tempo*. Petrópolis: Vozes, 2022, p. 178.

¹⁶ Esta pesquisa foi realizada em dois momentos distintos, sendo assim, o primeiro mapeamento ocorreu entre os anos de 2018-2019 e o segundo entre os anos de 2020-2021. (*Ibidem*, p. 177).

¹⁷ FONTOURA, Odir. Narrativas históricas em disputa: um estudo de caso no YouTube. *Op. cit.*, p. 152.

¹⁸ *Ibidem*, p. 158.

engajamento, onde “[...] as maneiras de dizer importam mais do que o que é dito”.¹⁹ Percebe-se, portanto, que há um esforço em criar uma conexão com o grande público, utilizando-se especialmente de um discurso de cunho maniqueísta e sensacionalista como artifício para cativar a atenção das pessoas e legitimar suas falas.

Em consonância com essa percepção, Fontoura pontua que “[...] em alguns casos, o passado tem sido abordado de forma simplificada, caricata e eventualmente a partir de fatos cuidadosamente selecionados”²⁰ e conforme se apropriam das inúmeras possibilidades que as mídias geram para a propagação de suas ideias, recorrem:

[...] ao mesmo tempo, formatos, textos, imagens e fontes muito distintos, pulverizam os elementos estruturais de suas narrativas, de modo que em alguns momentos é impossível identificarmos suas fontes de constituição, ou de dar uma resposta rápida e eficaz aos seus argumentos, posto que sua difusão é tão acelerada quanto a forma pela qual ela é produzida.²¹

É a partir dessa habilidade de manejar as dinâmicas e linguagens das mídias que estas produções de narrativas alternativas se perpetuam no imaginário social e político. Ainda de acordo com o mapeamento produzido por Fontoura,²² o autor constata a ausência e o pouco alcance de conteúdos desenvolvidos por instituições educacionais ou divulgadores científicos se equiparados a outros canais que produzem conteúdos com temas históricos.

Esse cenário torna perceptível que há ainda um distanciamento entre os pesquisadores e o público em comum, na linguagem e abordagem, mas especialmente nos investimentos tecnológicos quando comparados a outros canais que tratam de temáticas históricas. No mapeamento apresentado por Odir Fontoura,²³ os canais que apresentaram os maiores números de visualizações não possuem as temáticas históricas como foco principal dos seus conteúdos. No entanto, são exemplos de projetos que criam conteúdos para as plataformas virtuais a partir de uma linguagem própria, explorando diferentes formas e *designs* para exposição dos conteúdos.

A disponibilidade de recursos tecnológicos potencializa o alcance das produções porque influenciam em como as ideias e conteúdos são postos e, por conseguinte, aumentam a retenção da atenção dos internautas. Desse modo, quando no mapeamento de

¹⁹ MENESES, Sônia. Uma história ensinada para Homer Simpson: negacionismos e os usos abusivos do passado em tempos de pós-verdade. *Op. cit.*, p. 72.

²⁰ FONTOURA, Odir. Narrativas históricas em disputa: um estudo de caso no YouTube. *Op. cit.*, p. 178.

²¹ MENESES, Sônia. Uma história ensinada para Homer Simpson: negacionismos e os usos abusivos do passado em tempos de pós-verdade. *Op. cit.*, p. 84.

²² FONTOURA, Odir. Narrativas históricas em disputa: um estudo de caso no YouTube. *Op. cit.*, p. 155-156.

²³ *Ibidem*, p. 169.

Fontoura²⁴ é apontado o baixo alcance de canais que apresentam referências e critérios acadêmicos ou até mesmo a descontinuidade desses projetos na plataforma do *Youtube*, o autor acaba por evidenciar a ausência de suportes e investimentos para esses canais. Além disso, a intensa jornada de trabalho desses profissionais influencia diretamente no volume de produções, visto que, via de regra, são profissionais que precisam dividir-se entre várias funções.

Os relevantes números de visualizações nos vídeos com temáticas históricas e a diversidade de canais que produzem tais conteúdos explicita o interesse que a população em geral possui por determinadas narrativas históricas.²⁵ Os fatos e períodos históricos são comumente mobilizados como cenários das narrativas nas mídias tradicionais, seja por meio dos filmes, séries, jogos de videogame e livros. Tais produções são frequentemente entendidas como lugares de criação e reprodução de um passado imaginado ou por vezes romantizado no imaginário social.

Diferentemente dos projetos elaborados nas mídias tradicionais, há uma intensa produção de conteúdos com temáticas ou referências a períodos históricos que conseguem ser intensamente compartilhados pelas redes e alcançam milhares de pessoas. Ainda de acordo com a pesquisa desenvolvida por Odir Fontoura,²⁶ o segundo mapeamento realizado entre 2020-2021 mostrou que “a grande maioria dos vídeos aparece em canais voltados à curiosidade e cultura em geral – ou seja, não são canais especializados em história. Esse nicho corresponde a cerca de 32 milhões de visualizações”.²⁷

Um das principais críticas a determinados conteúdos que são englobados nesse nicho, está especialmente na intensa simplificação das temáticas e processos históricos que são apresentados. Apesar de não produzirem revisionismos ou críticas à historiografia, estes vídeos acabam desconsiderando a complexidade que há nas relações e processos históricos quando narram os acontecimentos desassociados de uma percepção de consciência histórica.²⁸

Entende-se que a produção de conteúdos nas plataformas digitais exige uma dinâmica distinta em relação à noção de tempo. Como destacado por Meneses e Melo²⁹ vídeos e narrativas produzidas em formato curtos, apresentam melhores resultados de audiência e de compartilhamento. Essa busca por um consumo de informações

²⁴ FONTOURA, Odir. Narrativas históricas em disputa: um estudo de caso no YouTube. *Op. cit.*, p. 155-156.

²⁵ *Ibidem*, p. 154.

²⁶ *Ibidem*, p. 169.

²⁷ *Ibidem*, p. 150-178.

²⁸ MENESES, Sônia; MELO, Francisco Egberto de. Toda a História em cinco minutos! História Pública e ensino – considerações sobre o passado ensinado no Youtube. In: ANDRADE, Juliana Alves de. PEREIRA, Nilton Mullet (Orgs.). *Ensino de História e suas práticas de pesquisa*. 2ª. ed. São Leopoldo: Oikos, 2021, p. 352.

²⁹ *Ibidem*, p. 353.

instantâneas e organizadas de forma interativa está intrinsecamente relacionada com as próprias características de constituição do ciberespaço. No mesmo sentido, os algoritmos que estruturam as redes sociais propagam preferencialmente vídeos curtos, influenciando diretamente no que é ofertado ao público ou não.

Quando essas narrativas se propõem como conteúdos rápidos com intuito de atender as demandas do seu público-alvo e até mesmo da própria plataforma, acabam por restringir-se a um relato dos fatos e dados históricos. Como abordam as autoras Maria Auxiliadora Schmidt e Ana Claudia Urban, “saber história não é a mesma coisa que pensar historicamente correto, pois o conhecimento histórico que é apenas apreendido como algo dado, não desenvolve a capacidade de dar significados para a história e orientar aquele que aprende de acordo com a própria experiência histórica”.³⁰

Nesse sentido, aprender História ultrapassa o conhecimento dos fatos e implica em entender como esses contextos históricos se relacionam, como explicam as estruturas sociais, econômicas e políticas de seu tempo. Como aborda Rüsen, “[...] o pensamento histórico é uma atividade mental necessária para os humanos saberem quem eles são [...]”³¹ isso envolve um processo de construção de uma identidade e alteridade que nos permita compreender o “eu” e o “outro” em seu próprio tempo, à medida que possibilita olhar as temporalidades tendo a capacidade de nos reconhecermos ou distanciarmos em seus variados aspectos.

Pensar como esses passados têm sido mobilizados a partir da internet e das comunidades que são criadas em torno desses conteúdos relaciona-se intrinsecamente com as reflexões sobre o ensino de História Medieval que acontece na sala de aula e com a atuação do professor contemporâneo. Nesse sentido, Fontoura argumenta sobre a necessidade de refletirmos sobre o ensino de História que tem acontecido na plataforma do *Youtube*, especialmente em relação ao fato de que a partir dos comentários deixados pelos usuários percebe-se que “[...] os comunicadores são claramente entendidos como professores - mesmo quando não aparecem nos vídeos e não sabemos sequer seu nome”.³²

Tem se desenhado uma disputa por autoridade sobre a História não só por seu lugar enquanto ciência como também no ensino. Há, nesse sentido, uma movimentação de despersonalização da figura do docente que é ativamente alimentada por uma onda de

³⁰ SCHMIDT, Maria Auxiliadora; URBAN, Ana Claudia. Afinal, o que é educação histórica? *Revista Ibero-Americana de Educação Histórica*. v. 01, n. 01, p. 07-31, 2018 (p. 27). Disponível em: https://www.academia.edu/44095610/RIBEH_Revista_Ibero_Americana_de_Educacao_Historica. Acesso em: 25 nov. 2023.

³¹ RÜSEN, Jörn. A função da Didática da História: a relação entre a Didática da História e a (meta) História. In: SCHMIDT, Maria Auxiliadora; MARTINS, Estevão Chaves de Rezende. *Jörn Rüsen: contribuições para uma Teoria da Didática da História*. Curitiba: W.A. Editores, 2016, p. 20-21.

³² FONTOURA, Odir. Narrativas históricas em disputa: um estudo de caso no YouTube. *Op. cit.*, p. 177.

negação da ciência e do saber escolar formal. Como evidencia Meneses, este conflito entre autoridade e competência está diretamente relacionado com a questão das visualizações, do que ao saber, propriamente. Assim, aqueles que dominam a linguagem das redes e conseguem alcançar mais pessoas, são entendidos como autoridades, por vezes, independentemente do que esteja sendo propagado.³³ Neste sentido, ao pensar sobre questões relacionadas às novas tecnologias, Anita Lucchesi e Pedro Telles da Silveira destacam que:

Acreditamos que é possível repensar os temas da autoridade de historiadoras e historiadores – incluindo aqueles que trabalham no ensino de história – e a circulação do conhecimento na sociedade contemporânea à luz da história pública, de modo a formular novos *insights* sobre a relação entre ensino de história e novas tecnologias [...] de modo a aproveitar o potencial que elas apresentam para alcançar objetivos há muito presentes no ensino de história: o fascínio pelo passado, o engajamento social e o desenvolvimento de consciência e capacidade críticas.³⁴

A função dos professores tem sido entendida cada vez mais como uma perspectiva de mediação dessas inúmeras experiências, informações e representações que os discentes carregam consigo. Como aponta Imbernón, “[...] a especificidade da profissão está no conhecimento pedagógico”,³⁵ ou seja, na capacidade que esses(as) docentes desenvolvem em mobilizar os saberes e discussões em torno de uma concepção de mediação crítica entre os conteúdos curriculares e as percepções de mundo dos alunos.

Esse movimento de desconexão com o saber está intrinsecamente ligado à estrutura do sistema escolar que ainda se mantém pelo ponto de vista da transmissão do conhecimento. Assim, podemos observar que há uma cultura de ensino tradicional em que “predomina um ensino de História que apresenta o conteúdo retirado dos livros didáticos ou *sites* de internet como uma verdade absoluta, despersonalizada, distanciada das experiências dos alunos, a ser apenas apreendido e reproduzido.”³⁶

Não há aqui um movimento de desqualificar o potencial que a plataforma do *Youtube* possui enquanto recurso pedagógico ou de divulgação científica, mas elencamos a necessidade de pensar sobre estas narrativas que circulam nas diversas plataformas

³³ MENESES, Sônia. Uma história ensinada para Homer Simpson: negacionismos e os usos abusivos do passado em tempos de pós-verdade. *Op. cit.*

³⁴ LUCCHESI, Anita; SILVEIRA, Pedro Telles da. O laboratório da história pública digital: aprender entre experimento e negociação. In: HERMETO, Miriam; FERREIRA, Rodrigo de Almeida. *História pública e ensino de história*. São Paulo: Letra e Voz, 2020, p. 32.

³⁵ IMBERNÓN, Francisco. *Formação docente e profissional: formar-se para a mudança e a incerteza*. São Paulo: Cortez Editora, 2011, p. 31.

³⁶ FRANCO, Aléxia Pádua; COSTA, Marcella Albaine Farias da. Cultura digital e ensino de História: diferentes abordagens e metodologias. In: ANDRADE, Juliana Alves de. PEREIRA, Nilton Mullet. *Ensino de História e suas práticas de pesquisa*. 2ª. ed. São Leopoldo: Oikos, 2021, p. 328.

digitais como forma de compreender como o passado que tem sido mobilizado nas redes, influenciam na construção do pensamento histórico dos discentes.

Nilton Pereira, Carla Meinerz e Caroline Pacievitch³⁷ discutem as demandas sociais e identitárias do século XXI e apontam a possibilidade de utilizarmos tais produções midiáticas com temáticas históricas como forma de provocar reflexões e manejar os conceitos, sem invalidar esses passados, entendendo, portanto, a sala de aula como lugar de trânsito e encontro:

Trânsito de diferentes modos de ver, dizer e representar o passado; encontro de diversos discursos que criam o passado na imaginação das novas gerações; encontro de memórias e questões ainda não resolvidas. A potência dessa aula está na possibilidade de o docente provocar o acontecimento, como quem não invalida essa profusão de passados, mas que as utiliza em benefício da aprendizagem conceitual.³⁸

Portanto, devemos assumir como docentes uma postura crítica entendendo que esses espaços de representações podem ser articulados de forma a estimular o senso crítico do alunado. Desse modo, é preciso “[...] abandonar o pressuposto de que aprender história significa acumular conhecimentos, mesmo que adotando metodologias ativas e lúdicas, e que aprender história não é manter-se no nível do senso comum ou adquirir bom senso a respeito das coisas do passado”.³⁹

Como propõe Rüsen, pensar historicamente ultrapassa a ideia de olhar o passado pelo próprio passado e envolve uma ação reflexiva sobre os aspectos culturais e práticos da vida em sociedade. Desse modo, a formação da consciência histórica está inter-relacionada com a capacidade de mobilizar as relações entre passado e presente a partir de uma lógica que explore os seus sentidos e as intencionalidades. Assim, nas palavras do autor, “a consciência histórica hoje é muito mais influenciada pela mídia do que pela educação formal. A ficção apresenta vários exemplos de misturas do passado e futuro [...]. O mais importante é capacitar os alunos a entenderem a diferença, a alteridade e a possibilidade de alternativas”.⁴⁰

Há um significativo potencial na mobilização desses passados pela cultura escolar, uma vez que, eles fazem parte do cotidiano dos(as) estudantes e são abordados no contexto das discussões em sala de aula com tons de curiosidade e de especulação para o professor.

³⁷ PEREIRA, Nilton Mullet; MEINERZ, Carla Beatriz; PACIEVITCH, Caroline. Viver e pensar a docência em História diante das demandas sociais e identitárias do século XXI. *História & Ensino*. Londrina, v. 21, n. 2, p. 31-53, 2015. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/140171>. Acesso em: 25 nov. 2023.

³⁸ *Ibidem*, p. 49.

³⁹ SCHMIDT, Maria Auxiliadora; URBAN, Ana Claudia. Afinal, o que é educação histórica? *Op. cit.*, p. 26.

⁴⁰ RÜSEN, Jörn. A função da Didática da História: a relação entre a Didática da História e a (meta) História. *Op. cit.*, p. 31.

Como abordam Pereira, Meinerz e Pacievitch “[...] uma aula de História na escola é uma passarela por onde desfilam diferentes formas expressivas que dizem o passado, que informam sobre o passado e que, sobretudo, criam o passado com imagens, palavras ou formas de expressão”.⁴¹ Assim, os professores mobilizam o repertório midiático que os alunos e alunas constroem e utilizam em seu cotidiano, entendendo a criticidade e a subjetividade como *locus* das discussões.

Nesse caminho, a linguagem digital se apropria das diferentes formas de comunicação e elabora uma profusão de representações que se destrincham em imagens, vídeos, textos e hipertextos, evidenciando diferentes espaços de tensões e de exposições das ideias. Conforme destacam os autores, a “[...] aula de História não é uma ilha, mergulhada numa atemporalidade que estabelece uma relação de esquecimento e desinteresse pelo que ocorre nos contextos sociais”.⁴² Os alunos e alunas estão imersos em uma dinâmica social que os alimenta a todo instante a partir de uma linguagem digital de interatividade e integração das diferentes formas de linguagens.

A nova cultura de aprendizagem estabelece a escola para além de um lugar de aquisição do conhecimento e, como pontua Alexandre Sousa Júnior, propõe-se como um espaço físico para a troca de experiências e conhecimentos. Nesse sentido, abre-se para um diálogo que não marginaliza as diferentes possibilidades de compreensão e representação do mundo, integrando essas produções midiáticas e narrativas como ponto de partida para o processo de criticidade, bem como de construção do repertório histórico-cultural.⁴³

Entretanto, percebe-se que o movimento de deslocamento da autoridade em escrever e ensinar História tem ocorrido especialmente pelo distanciamento que esses profissionais ainda possuem diante da sociedade. Como aborda Fontoura, há uma “necessidade de os(as) professores(as) e historiadores(as) saírem do seu nicho especializado (e eventualmente superespecializado) para atingirem um público mais amplo – o que pode ocorrer tanto em relação às temáticas quanto em relação à linguagem da comunicação”.⁴⁴

Isto implica, portanto, tecer um diálogo interdisciplinar com outros campos do saber e promover novos olhares sobre as formas de se comunicar com a sociedade em

⁴¹ PEREIRA, Nilton Mullet; MEINERZ, Carla Beatriz; PACIEVITCH, Caroline. Viver e pensar a docência em História diante das demandas sociais e identitárias do século XXI. *Op. cit.*, p. 47.

⁴² *Ibidem*, p. 34.

⁴³ SOUSA JÚNIOR, Alexandre. Educação 4.0 e Educação Histórica: Mídias digitais, ensino de História e metodologias ativas para o século XXI. In: LEITE, Priscila Gontijo; BORGES, Cláudia Cristina do Lago; SZLACHTA JR. Arnaldo Martin (Orgs.). *Ensino de História, tecnologias e metodologias ativas: novas experiências e saberes escolares*. João Pessoa: CCTA, 2022, p. 52.

⁴⁴ FONTOURA, Odir. Narrativas históricas em disputa: um estudo de caso no YouTube. In: BARROS, José D’Assunção (Org.). *Op. cit.*, p. 177.

geral. Os dados apresentados por Fontoura escancaram o interesse que o público em geral possui por temáticas históricas – e considerando que esse mapeamento se restringiu apenas a plataforma do *Youtube* e a um tempo específico, esses dados poderiam ser maiores em quantidade.⁴⁵

Tem-se observado a necessidade tanto dos historiadores quanto dos professores em ocuparem o espaço do digital, não apenas em um sentido de apropriação tecnológica e presença midiática, mas especialmente na exploração das diferentes formas de linguagens e interação com outras áreas. Dilton Maynard e Anita Lucchesi apontam a importância de tornar a inserção das tecnologias na sala de aula uma “experiência cada vez menos episódica e mais qualitativa”.⁴⁶ Assim, o(a) docente na educação básica necessita dialogar com as diferentes ferramentas e mídias virtuais sem negligenciar o caráter crítico-reflexivo que há no processo de aprendizagem histórica.

Nas últimas décadas, temos acompanhado uma crescente virtualização de fontes e recursos que podem ser utilizados no contexto educacional, desde museus virtuais, bancos de dados, *websites*, *podcasts* entre outros produtos digitais. Apesar de não serem desenvolvidos de modo primário com o intuito educativo, podem ser utilizados pelos docentes como objetos didáticos a fim de instigar a construção de um pensamento histórico e crítico sobre as relações que o presente tece com o passado e as narrativas que os cercam.

Discutir sobre a utilização de ferramentas ou produtos digitais no ensino de História no contexto da Educação Básica acaba, portanto, por esbarrar em questões de recursos estruturais nas escolas e de carga horária para que viabilizem a pesquisa e o planejamento dos professores, assim como de formação inicial e continuada dos profissionais. A utilização de qualquer ferramenta na sala de aula precisa ser realizada de forma crítica e com objetivos definidos de forma clara para que produza sentido e o ensino seja significativo.

A História Medieval na era digital: distintos significados em circulação

No ciberespaço, assim como ocorre nas mídias tradicionais, a História é utilizada como forma de alavancar engajamento nas redes sociais, isso ocorre em razão do fascínio que determinados fatos ou discursos históricos possuem. Assim, o Medievalismo figura entre um dos períodos que mais apresenta destaque entre os discursos e produtos midiáticos na

⁴⁵ Ibidem, p. 152-153.

⁴⁶ MAYNARD, Dilton C. S.; LUCCHESI, Anita. E-storia. *História Hoje*. v. 2, n. 4, p. 307-312, 2013 (p. 307-308). Disponível em: <https://rhj.anpuh.org/RHHJ/article/view/99>. Acesso em: 25 nov. 2023.

Web, em razão da sua ampla utilização nas produções cinematográficas, nos jogos de videogames, nos livros de fantasias e discursos políticos.

Macedo nos ajuda a compreender que esse fascínio sobre o período ocorre em razão das representações que foram sendo estabelecidas para o Medievo no decorrer do tempo e tem colocado esta temporalidade no espectro de um mundo distante e até mesmo ficcional, repleto de fantasias, “[...] na qual pululam magos e fadas, duendes, elfos, dragões, cavaleiros errantes e aventuras fabulosas”.⁴⁷

Na internet, as diversas representações do Medievo são construídas e reapropriadas pelos usuários para atender ou reafirmar discursos e anseios contemporâneos, seja pela utilização de termos que afirmam estereótipos que recorrem a este período histórico para se referir à barbárie, seja pela referência ao suposto atraso intelectual e até mesmo ao obscurantismo científico. Ao mesmo tempo, evidenciamos uma tendência de identificação de elementos medievais aos discursos de grupos políticos associados à extrema direita, a partir de um discurso de resgate dos valores tradicionais, europeus e cristãos.

Por exemplo, Carlile Lanzieri Júnior aponta como esses discursos ressignificam elementos do Medievo para seus usos políticos e evidencia as recorrentes alusões ao imaginário e a estética do cavaleiro medieval, bem como o uso do latim. Ainda de acordo com o autor, a utilização de tais elementos nos discursos políticos funcionam como base para os argumentos perpetuados na defesa de um nacionalismo exacerbado e de uma sociedade homogênea. A expressão “*Deus Vult*” exemplifica esse movimento, uma vez que o termo ganhou notoriedade nas redes sociais e passou a ser frequentemente reapropriado por grupos e páginas políticas.⁴⁸

Os medievalistas têm incitado debates e reflexões sobre as influências de tais ressignificações do Medievo como motores para discursos políticos e ações extremistas, bem como o lugar que as mídias digitais têm assumido na propagação de tais reapropriações sobre o período em questão. Mendonça Júnior elencou movimentos e atos terroristas que ocorreram nas últimas décadas e tiveram uma relação direta com uma perspectiva deturpada do Medievo. Como apresenta o autor, “[...] o medievo permanece

⁴⁷ MACEDO, José Rivair. Repensando a Idade Média no ensino de História. In: KARNAL, Leandro (Org.). *Histórias na sala de aula: conceitos, práticas e propostas*. In: Leandro Karnal (Org.). São Paulo: Contexto, 2007, p. 110.

⁴⁸ LANZIERI JÚNIOR, Carlile. Cavaleiros de papel: considerações sobre as histórias conectadas de diferentes usos do passado medieval na contemporaneidade dentro e fora do Brasil e seus possíveis impactos na formação do conhecimento histórico escolar. In: VIANNA, Luciano J. *A História Medieval entre a formação de professores e o ensino na Educação Básica no século XXI: experiências nacionais e internacionais*. Rio de Janeiro: Autografia, 2021, p. 108.

mais vivo e atuante do que nunca, sendo um campo de combate cada vez mais disputado”.⁴⁹

Em consonância com tais percepções, Lanzieri Júnior ressalta como as características desenvolvidas pela cibercultura potencializam a produção e difusão das variadas representações e ressignificações do Medieval na rede, salientando a importância dos historiadores em se articularem para ocuparem os espaços nas mídias digitais, aos quais atualmente têm se constituído com um relevante meio pelo qual projetos de caráter nacionalista e contrários aos direitos das minorias tem encontrado amplo espaço de atuação.⁵⁰ Neste sentido, o autor destaca o potencial aglutinador que as mídias digitais assumem a partir de sua possibilidade de desterritorialização e eliminação das fronteiras geográficas ao

[...] construir uma espécie de bolha cultural na qual seus participantes compartilham ideias e interesses semelhantes e se mobilizam contra inimigos comuns em uma linguagem estética que em um primeiro momento podemos julgar caricata, mas que é absolutamente coerente e inteligível para os seus usuários.⁵¹

As reflexões produzidas por Lanzieri e Mendonça Júnior tornam evidente a necessidade de o cenário universitário da formação de professores estar conectado com as discussões que estão presentes nas mídias digitais, bem como as maneiras pelas quais a História tem sido retratada e reapropriada para atender as necessidades contemporâneas. É evidente que as percepções da Idade Média que estão constantemente no nosso cotidiano, seja pela internet, pelos filmes, memes, perpetuam ainda discursos já superados pela historiografia e servem por vezes a intencionalidades políticas de grupos ou indivíduos, disputando espaço nas narrativas da sociedade atual.

As possibilidades de produção e compartilhamento no ciberespaço e o caráter imediato das interações com as redes sociais coloca-nos diante da necessidade de combater informações enviesadas e errôneas no que se refere à difusão do conhecimento histórico. Como destaca Lanzieri Júnior, “[...] esse tipo de informação e sua capacidade de propagação têm impactado a construção do conhecimento histórico e, por conseguinte, o

⁴⁹ MENDONÇA JÚNIOR, Francisco de Paula Souza de. Futuros de um passado presente: Reflexões acerca do ensino de História Medieval e do Renascimento. *Brathair*, n. 21, p. 256-276, 2021 (p. 258-259). Disponível em: <https://ppg.revistas.uema.br/index.php/brathair/article/view/2536>. Acesso em: 25 nov. 2023.

⁵⁰ LANZIERI JÚNIOR, Carlile. Cavaleiros de papel: considerações sobre as histórias conectadas de diferentes usos do passado medieval na contemporaneidade dentro e fora do Brasil e seus possíveis impactos na formação do conhecimento histórico escolar. *Op. cit.*, p. 107-124.

⁵¹ *Ibidem*, p. 114.

conhecimento histórico escolar dia a dia exposto a questionamentos infundados e teorias conspiratórias”.⁵²

Há um interesse latente por produções com panos de fundos medievais. Essa afirmação pode ser observada a partir das inúmeras utilizações do Medievo como ambientação para narrativas nos diversos suportes culturais, desde séries, filmes, livros, jogos – há sempre um Medievo imaginado. Essa cultura midiática que se desenvolve em torno do ciberespaço difunde e movimenta tais narrativas. Por exemplo, Daniele Gallindo em palestra sobre “A recepção da Idade Média nas mídias contemporâneas”⁵³ destaca que há um fetiche por temáticas relacionadas ao período, fomentando diversas releituras sobre histórias que associam elementos e narrativas a uma ideia de Medievo.

Essas formas de apropriação e de representação que são veiculadas nos diversos suportes midiáticos criam e recriam ideias próprias do que é considerado medieval, mobilizando tais narrativas a partir de diferentes interesses. Os estudos acerca dessas associações sobre o período enveredam por conceitos e discussões que buscam compreender as representações do Medievo ao longo do tempo e na contemporaneidade.

Partindo dessa questão é que se desenvolve o conceito de medievalismo, como meio para compreender as concepções do que se entende como medieval e os elementos associados a essas representações na contemporaneidade. Nadia Altschul e Lukas Grzybowski pontuam que os estudos acerca do medievalismo não estão concentrados em discutir o que é verdadeiramente medieval ou não, mas sim em compreender como esses elementos ditos medievais são criados e difundidos.⁵⁴ Com o passar do tempo e mais especificamente nas últimas décadas, os estudos brasileiros acerca das representações e projeções sobre o Medievo ganharam corporeidade. Marcelo Lima apresenta uma discussão sobre o conjunto de conceituações que estão sendo desenvolvidos pela medievalística para abarcar tais mobilizações do período.⁵⁵ Segundo Lima:

o termo medievalidade(s) pode ser entendido como um conjunto disperso e heterogêneo de noções, valores, ideias, representações, imagens, saberes, discursos, atividades, ações, experiências, performances etc. sobre a Idade

⁵² LANZIERI JÚNIOR, Carlile. Cavaleiros de papel: considerações sobre as histórias conectadas de diferentes usos do passado medieval na contemporaneidade dentro e fora do Brasil e seus possíveis impactos na formação do conhecimento histórico escolar. *Op. cit.*, p. 109.

⁵³ GALLINDO, Daniele. A Recepção da Idade Média nas mídias contemporâneas - *I Ciclo Virtual de Idade Média no Nordeste - Por que estudar História Medieval no Brasil: globalização e apropriações*. YouTube, 9 set. 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=-10WiY3oehM&t=1s>. Acesso em: 24 set. 2023.

⁵⁴ ALTSCHUL, Nadia R; GRZYBOWSKI, Lukas Gabriel. Em busca dos dragões: a Idade Média no Brasil. *Antíteses*. Londrina. v. 13, n. 25, p. 24-35, 2020 (p. 26). Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/antiteses/article/view/42304>. Acesso em: 25 nov. 2023.

⁵⁵ LIMA, Marcelo Pereira. Gênero, ensino de História e Medievalidades: (Des)conexões com o passado. *Revista Signum*, v. 20, n. 2, p. 148-193, 2019 (p. 155).

Média. São usos e (des)apropriações extemporâneas à Idade Média, sem a preocupação central de analisá-la como ela foi ou deve ter sido.⁵⁶

As abordagens associadas ao conceito de medievalidade se propõem a retratar o Medievo sem apresentar vínculos com regimes de historicidade, dando maior ênfase ao lúdico nas representações. Tanto o conceito de medievalismos quanto de medievalidades apresentam algumas similaridades e distanciamentos, visto que se concentram nas produções e interpretações desenvolvidas acerca do Medievo. Como bem distingue Lanzieri, o medievalismo abarca uma amplitude de recepções sobre o Medievo em suas diversas perspectivas, em detrimento do conceito de medievalidade que trata de modo restrito das referências estereotipadas e desvinculadas do aspecto historiográfico. Essas produções carregadas de referências de medievalidade são fomentadas principalmente pela indústria cultural. Por exemplo, as plataformas de *streamings*, que atualmente são os espaços virtuais de acesso aos principais produtos culturais consumidos pelas novas gerações, continuam a mobilizar o interesse por temáticas ditas medievais através das séries e filmes.⁵⁷

A percepção do que é considerado “medieval” está intrinsecamente relacionada com aquilo que a sociedade desenvolve como referências ou busca emular. Os autores Altschul e Grzybowski apontam para a figura do dragão que é frequentemente associado em cenários medievais, mas nas palavras dos autores “os dragões não foram elementos primários da ideia do medieval no século XIX, mas pode se dizer que eles o são no medievalismo do século XXI no Atlântico Norte”. No cenário das produções audiovisuais, os dragões e os cavaleiros aparecem frequentemente como dupla que remete de maneira direta ao Medievo fantasiado, mesmo quando as tais produções não especificam a temporalidade em que se passa a narrativa.⁵⁸

Outra grande produção veiculada nas mídias são as séries vinculadas aos livros das *Crônicas de Gelo e Fogo* produzidas por George R. R. Martin. *Game of Thrones* (2011) foi uma série televisiva produzida pela HBO e contou com oito temporadas, sendo até então considerada a série mais cara da história. Ela retrata a disputa pelo trono de Westeros, os entraves políticos e o poder dos dragões. Apesar de não haver menção sobre o período em que se passa, há inúmeros elementos que reforçam uma estética medieval. No mesmo caminho de *Game of Thrones*, há atualmente a produção do *spin-off* da série intitulada

⁵⁶ Ibidem, p. 155.

⁵⁷ LANZIERI JÚNIOR, Carlile. Cavaleiros de papel: considerações sobre as histórias conectadas de diferentes usos do passado medieval na contemporaneidade dentro e fora do Brasil e seus possíveis impactos na formação do conhecimento histórico escolar. *Op. cit.*, p. 111.

⁵⁸ ALTSCHUL, Nadia R; GRZYBOWSKI, Lukas Gabriel. Em busca dos dragões: a Idade Média no Brasil. *Op. cit.*, p. 26.

House of Dragons (2022), explorando como elemento central de sua narrativa o poderio dos dragões, os embates políticos e temáticas como incesto.

Os investimentos nessas produções evidenciam o interesse da sociedade em consumir tais narrativas e como há uma perspectiva capitalista que alimenta esse mercado. A popularização de tais narrativas nas mídias digitais potencializa e projeta para uma ampla comunidade, uma mitologia medieval que já era amplamente construída em outras mídias, mas que é alimentada continuamente a partir das reapropriações do público em geral nas redes. A partir desse conjunto de produções midiáticas, novos produtos digitais são desenvolvidos pelos próprios espectadores gerando uma clara apropriação dessas adaptações com temas contemporâneos, tais como os memes e as *fanfics* que circulam em páginas de fãs clubes que são exemplos dessas apropriações.

Altschul e Grzybowski apontam o entendimento dessas questões a partir do escopo do neomedievalismo que passou a ser utilizado “para aquelas produções mais desligadas do período histórico e que mostram o distanciamento lúdico em relação ao passado”.⁵⁹ A partir dessa compreensão, o conceito de neomedievalismo é desenvolvido para englobar esses usos do Medieval fantástico em meio as reapropriações contemporâneas que carregam a “estética medieval”, mas que remetem pouco ou quase nada ao período histórico. O termo neomedievalismo foi desenvolvido por Umberto Eco nos anos 70 do século passado como meio de distinguir dentro do espectro do medievalismo os produtos que carregam uma estética medieval, mas que se distanciam da Idade Média histórica englobando o arcabouço de referências desenvolvido através das recepções sobre o período.⁶⁰

Nesse sentido, tanto as (neo)medievalidades quanto os neomedievalismos apontam para a circulação de elementos do conjunto de recepções medievais mobilizadas a partir do contexto contemporâneo. A popularização das mídias digitais potencializa e projeta para uma ampla comunidade uma mitologia medieval que já era amplamente construída em outras mídias, mas que é alimentada continuamente a partir das reapropriações do público em geral nas redes.

Como ensinar História Medieval no século XXI? A aproximação entre cenários educacionais e a ênfase na formação inicial e continuada de professores de História

⁵⁹ ALTSCHUL, Nadia R; GRZYBOWSKI, Lukas Gabriel. Em busca dos dragões: a Idade Média no Brasil. *Op. cit.*, p. 29.

⁶⁰ ALTSCHUL, Nadia R; BERTARELLI, Maria Eugênia; AMARAL, Clínio. Apresentação do dossiê: o que é o neomedievalismo? *Revista Signum*, v. 22, n. 1, p. 6-18, 2021 (p. 6).

O ensino de História vivenciou inúmeras transformações desde sua implantação como disciplina no currículo escolar do país. Em relação ao ensino de História Medieval em específico, Nilton Pereira aponta que novos olhares têm surgido no contexto escolar, especialmente por meio dos materiais didáticos, mas este é um processo que se desenvolve de maneira gradual. Sendo assim, há a necessidade de se repensar os caminhos pelos quais o ensino sobre o Medievo precisa se desenvolver para que as questões sociais, políticas e culturais do período encontrem vazão no contexto escolar, ao mesmo tempo que este ensino se distancie de visões historiográficas distorcidas sobre o Medievo.⁶¹

Os conteúdos relacionados ao período medieval no currículo da Educação Básica ficam restritos às turmas de sexto e sétimo ano, em que os(as) discentes são, em especial, pré-adolescentes. Desse modo, são indivíduos que estão vivenciando a transição entre os anos iniciais para os anos finais do Ensino Fundamental e não possuem entendimentos complexos sobre as sociedades em qualquer tempo. Por tal, como pontua Marcelo Lima quando questionado sobre como trabalhar esse período na sala de aula de forma a gerar interesse nos alunos e alunas, “[...] a Idade Média poderia ser um bom pretexto para ensinar noções de tempo, espaço, sociedade, cultura, religião, instituição, poder, economia, relações de gênero, identidade, alteridade, tolerância, memória, entre outros aspectos”,⁶² questões que também se apresentam nas formulações sobre o Medievo nas mídias digitais.

Frequentemente, o Medievo é mencionado em diferentes ambientes e discussões como um período ligado à violência e ao atraso, enquanto nas produções midiáticas e digitais, por meio de filmes, séries, jogos e memes, explora-se este período histórico pelo viés do fantástico e do bélico. No contexto escolar, essas nomenclaturas não destoam, expondo o distanciamento que há entre as discussões acadêmicas e o ensino básico.

Ao longo das últimas décadas dos séculos XX e XXI, a historiografia medieval produziu reflexões sobre as concepções de Medievo e desconstruiu ideias estereotipadas sobre o período, passando a discutir sobre o Medievo para além das fronteiras da Europa Ocidental e para além de temas tradicionais principalmente vinculados a uma historiografia francesa. Contudo, ainda há um distanciamento dos medievalistas em relação às discussões voltadas para o ensino de História Medieval. Por exemplo, é notável a:

⁶¹ PEREIRA, Nilton Mullet. Imagens da Idade Média na cultura escolar. *Aedos*. v. 02, n. 02, p. 117-126, 2009 (p. 25). Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/aedos/article/view/9834>. Acesso em: 25 nov. 2023.

⁶² LIMA, Marcelo Pereira. Gênero e História Medieval em tempos de crise: entrevista com o medievalista Marcelo Pereira Lima. *Politeia - História e Sociedade*. Vitória da Conquista, v. 19, n. 2. p. 86-103, 2020 (p. 98-99). Disponível: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/politeia/article/view/7913>. Acesso em: 25 nov. 2023.

[...] quantidade diminuta de pesquisas que tratam particularmente do Ensino de História Medieval. É preciso apenas um breve levantamento nos quatro principais centros de formação de historiadores medievalistas no país (UFF, UFRJ, USP e UNICAMP) para perceber que, na última década, a quantidade de dissertações e teses que trataram especificamente sobre o Ensino de História Medieval não alcança nem mesmo 1%.⁶³

Esse cenário de isolamento entre os medievalistas e as discussões sobre o ensino básico tem sido modificado principalmente no decorrer da produção e implementação da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), no diálogo entre as mídias digitais e o ensino de História, bem como a partir da relação interdisciplinar com a História Pública por meio dos projetos virtuais de divulgação científica. A interação dos medievalistas com a sociedade em geral ocorre paralelamente à mobilização para ocupar os diversos espaços, entre eles, o espaço virtual, que assume um caráter importante diante da crescente utilização de discursos associados ao Medieval para atingir fins políticos e revisionistas.⁶⁴

A depender das intenções às quais o Medieval é chamado a atender, enxergamos diferentes interpretações e abordagens que por vezes não fazem jus a seu contexto. Tanto nas abordagens da escola, no livro didático e em determinadas exposições midiáticas, o Medieval é evocado a partir de discursos distintos, seja pelo espectro de um feudalismo uniforme e com enfoque puramente Ocidental, seja na representação de um período formado por homens sanguinários em constantes guerras causadas pela subordinação aos preceitos da Igreja Católica. É nesse sentido que Albuquerque aponta ser necessário a proposição de “novos referenciais teóricos e metodológicos que nos auxiliem na maneira como enxergamos e entendemos a Idade Média, a fim de assentar as bases de sua (re)construção no que tange ao Ensino de História Medieval”.⁶⁵ Ou seja, a elaboração destes novos referenciais teóricos e metodológicos implica em uma aproximação entre os espaços acadêmico e escolar de forma a reconhecer e visualizar as dificuldades e potencialidades em relação ao ensino de História. Apresentamos justamente esta proposta pois acreditamos que os âmbitos da formação docente em História e o ensino de História são duas faces da mesma moeda, sendo impossível referir-se a um sem considerar o outro.

Em relação a este aspecto, devemos considerar o público destinatário quando falamos sobre ensino de História Medieval, ou seja, professores e alunos do contexto escolar. Neste sentido, inicialmente deve ser destacado que o ensino sobre o período

⁶³ GRZYBOWSKI, Lukas Gabriel; BIRRO, Renan Marques. História Medieval, Internet e Tecnologias na formação de professores. In: VIANNA, Luciano J. *A História Medieval entre a formação de professores e o ensino na Educação Básica no século XXI: experiências nacionais e internacionais*. Rio de Janeiro: Autografia, 2021, p. 69.

⁶⁴ Ibidem, p. 77.

⁶⁵ ALBUQUERQUE, Isabela. Diálogos e caminhos para a descolonização do ensino de História Medieval. In: BUENO, André. BIRRO, Renan. BOY, Renato. (Orgs.). *Ensino de História Medieval e História Pública*. Rio de Janeiro: Sobre Ontens/UERJ, 2020, p. 33.

medieval tem o mesmo valor que o ensino sobre qualquer outro período histórico, através do qual poderão ser tecidas questões e questionamentos sobre problemas presentes na nossa contemporaneidade. Como afirma Hilário Franco Júnior:

Estudar História – de qualquer época e de qualquer local – não deve ser tarefa utilitarista, não deve “servir” para alguma coisa específica. A função de seu estudo é mais ampla e importante; é desenvolver o espírito crítico, é exercitar a cidadania. Ninguém pode atingir plenamente a maturidade sem conhecer a própria história, e isso inclui, como não poderia deixar de ser, as fases mais recuadas do nosso passado. Assim, estudar História Medieval é tão legítimo quanto optar por qualquer outro período.⁶⁶

O retrocesso historiográfico nas abordagens sobre o Medieval por meio do retorno a perspectivas cristalizadas evidencia que, apesar de ser este um período histórico que fomenta inúmeras narrativas midiáticas, permanece ainda desconhecido pelo público comum e por muitos profissionais da educação. Por exemplo, Lima aponta a existência de uma “desmobilização dos professores em torno da presença do Medieval no currículo escolar nacional”,⁶⁷ e isso ocorre porque muitos professores não entendem o ensino de História Medieval como um conteúdo prioritário nos estudos de História. Tais questões são cruciais para se entender como o Medieval é entendido enquanto conteúdo escolar e como está sendo trabalhado pelos professores de História nos anos finais do ensino fundamental, visto que as cristalizações historiográficas sobre o período se apresentam tão enraizadas no senso comum da população que se torna complexo perceber essa desmobilização dentro do próprio contexto educacional. Neste sentido, é importante destacar o cenário da formação inicial e da formação continuada como *loci* de investimentos para se trabalhar com tais questões, uma vez que o profissional em formação tem a oportunidade de refletir sobre a sua futura práxis no chão da escola a partir de um olhar mais apropriado e conhecido pelo público discente em relação ao período medieval. Neste sentido, refletimos sobre as palavras de Regina Cândida Führ:

Diante dessa realidade de mudanças significativas, os sistemas educacionais precisam repensar seu currículo, os processos de ensino, o conceito de aprendizagem, envolvendo os educadores. Por isso, o desafio da educação contemporânea consiste em transformar a demanda desorganizada e fragmentada de informações em conhecimento e

⁶⁶ FRANCO JÚNIOR, Hilário. *Somos todos da Idade Média*. Reflexões de História. Disponível em: <https://reflexoesdehistoria.wordpress.com/2011/01/31/somos-todos-da-idade-media-por-hilario-franco-junior/>. Acesso em: 24 set. 2023.

⁶⁷ LIMA, Douglas Mota Xavier de. Uma história contestada: a História Medieval na Base Nacional Comum Curricular (2015-2017). *Anos 90*. Porto Alegre, v. 26, p. 1-21, 2019 (p. 10). Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/anos90/article/view/87750>. Acesso em: 25 nov. 2023.

conhecimento em sabedoria, em que percebemos a necessidade, urgente, da alfabetização digital do educador [...].⁶⁸

O cenário do ensino de História Medieval evidencia de forma latente o papel do professorado no processo de desconstrução do período, uma vez que suas abordagens no chão da escola podem ser direcionadas a uma perspectiva eurocêntrica e iluminista ou enveredar por uma lógica mais crítica e problematizadora dos discursos midiáticos e literários do Medievo. Nesse sentido, a práxis pedagógica tem relação direta com a formação acadêmica deste professor, assim como com a forma como este professor entende seu papel em sala de aula e como compreende o processo de formação da consciência histórica dos seus alunos e alunas.

O imaginário de Idade Média que circula na sociedade está intimamente vinculado às narrativas fomentadas pelas mídias tradicionais e com a popularização das mídias digitais essas interações passaram a veicular tais histórias promovendo um jogo de apropriações e reapropriações. Essas narrativas assumem um papel relevante no que o público em geral, nesse caso especificamente os discentes, entendem como elementos medievais. Nesse sentido, consideramos a importância de trabalhar essas narrativas na construção do imaginário dos estudantes da formação inicial e continuada de modo a promover uma postura crítica diante das percepções que circulam sobre o Medievo. Apesar de trazerem por vezes narrativas distintas para associarem com o período medieval, tanto a escola quanto as mídias digitais abordam elementos distanciados das perspectivas historiográficas sobre essa temporalidade. Essas elaborações do Medievo estão carregadas de intencionalidades políticas e sociais do presente que podem ser mobilizadas pelo professor como forma de desconstrução, partindo da ideia que os alunos apresentam sobre o que é medieval e quais elementos definem essa temporalidade.

Considerações finais

Ao fim deste artigo, podemos elencar algumas questões necessárias a reflexão quando pensamos nas possibilidades de pensarmos o ensino de História Medieval a partir da utilização das mídias digitais, as quais envolvem questões historiográficas, novas formas de se abordar o Medievo e um repensar a práxis pedagógica no contexto do ensino de História Medieval.

Em primeiro lugar, há que se considerar que atualmente existem muitos canais de informações que apresentam uma abordagem histórica não profissional e que circula entre

⁶⁸ FÜHR, Regina Cândida. *Educação 4.0 nos impactos da quarta revolução industrial*. Curitiba: Appris, 2019, p. 97.

o grande público de forma instantânea, as quais, muitas vezes, são informações simplificadas e que desconsideram a complexidade do fazer histórico acadêmico. Neste sentido, outro aspecto a se considerar é a disputa por autoridade das emissões destes conteúdos sobre História Medieval, o que promove uma despersonalização da figura do docente alimentada por uma negação da ciência e do saber escolar formal. Assim, observar tais questões no sentido de orientar para um correto consumo de informações em um contexto de ensino de História Medieval é algo imprescindível para uma prática docente significativa. Para isso, em um nível historiográfico, a necessidade de historiadores e professores ocuparem o espaço digital para uma apropriação tecnológica e midiática e explorarem outras formas distintas de linguagem e interação interdisciplinar.

Em segundo lugar, observamos também atualmente uma notável associação entre elementos medievais e discursos políticos, associação muitas vezes promovida pelas mídias digitais. Considerando o fato de que muitas vezes estas mídias digitais apresentam como características a desterritorialização e a eliminação de fronteiras geográficas, observa-se a necessidade da academia estar conectada com os debates que se fazem presentes nas mídias digitais, principalmente porque diante as possibilidades de divulgação de informações no ciberespaço e o imediatismo das interações nas redes sociais se faz necessário que estejamos presentes para combater informações deturpadas e equivocadas relacionadas ao período medieval ou aos usos que se faz deste período histórico.

Por fim, nota-se que ainda existe um distanciamento dos medievalistas em relação às discussões que envolvem o ensino de História Medieval, o que incide diretamente em âmbitos como a formação inicial e continuada de professores. Para isso, assumir uma postura de decolonização do currículo apresentado, principalmente no que se refere à influência do eurocentrismo; realizar discussões no sentido de apresentar o distanciamento entre a academia e o chão da escola, principalmente para aproximar estudantes de licenciatura das possibilidades de se trabalhar conteúdos sobre História Medieval a partir de visões historiográficas atuais; problematizar questões voltadas para a circulação sobre o Medievo vinculado a narrativas fomentadas pelas mídias digitais, trabalhando com estas narrativas a partir do conhecimento discente, promovendo uma postura crítica sobre as percepções que circulam sobre o Medievo.

Recebido em 01 de outubro de 2023
Aceito em 27 de novembro de 2023